

resse proprio, obrigação de suppor tal-a.

Havia um piano na sala, e, quando Felicia quis tocar, sem dúvida para dar-me occasião de apreciar o seu talento musical, sua mãe bradou-lhe:

— Oh! menina! não me deixarás conversar á minha vontade com o senhor!...

E o que é peior, é que a sra. Geralda não fallava só pelos labios; movia desordenadamente a cabeça, distribuia paneadas, batia com os pés, remoia-se na cadeira como se estivesse sentada sobre alfinetes, e puxava-me pelo queixo quando não lhe prestava a devida atenção.

Era o demônio a tal velha.

A política era o seu forte, e ai daquelle que contrariasse suas opiniões!... Para satisfazê-la abjurou minhas crenças políticas, e concordei absolutamente com ella.

Supportei-a com paciencia; mas não consegui fazer aliança com uns oculos que lhe cavalgavam na ponta do nariz. Oculos só comparaveis aos de um usurario, aos de um escrivão, que não quer ver; só comparaveis em fin á elles mesmos.

Chegou o hora do cha, deveras suculento. Debalde recusei os oferecimentos de D. Geralda, allegando as proporções do meu estomago; ella teimava em servir-me com prodigalidade. Ainda desta vez quiz fazer a vontade á velha; mesmo porque nunca me falta apetite, quando estou satisfeito, ou me julgo feliz.

(Continua)

POESIA

Revolução

SEIS DE MARÇO

I

No solo extenso dos palmares verdes,
Onde na selva a juriti suspira,
E ouvem-se queixas do sabiá magoado,
E as rolas gemem quando o sol espira,
Se embala um ninho nas florestas virgens,
— Pallida estrela que se envolve em luz,
E esenta os uivos do jaguar que ulula,
E a voz fuminta dos caboclos nus.

Era nas horas em que o sol brilhava,
Illuminando a victoria as plagas,
Onde o Recife Pernambuco estende,
— Braço de pedra, com que parte as vagas.
Era no berço dos heróis do norte,
Onde Pedro Ivo se embalava então,
— Criança ainda na secunda larva,
Donde mais tarde rebentou Tritão.

Trava-se a luta: na explosão do ataque,
A terra treme do espetáculo novo:
Tombam os mortos, ao tinir dos gladios;
Erguem-se as almas, coroando o povo.
Cruzam-se as lanças; os giuetes rincham;
Rufam as caixas, como ronca o mar;
Todos os sinos dão signal do alarmo,
E ecoa um canto de trovões no ar.

Como coriscos, tronsuando matas,
Como gigantes, a escalar infernos,
Langam-se os bravos dos sertões do norte
De encontro á tropa dos Cains modernos.

Fáulam chispas dos heróis nas tumbas,
— Cryptas abertas pela mão de Deus,
Como as estrelas que borriça a noite
Do firmamento nos céruleos céus.

Lavas de fumo, de metralha e fogo
Jorraram das gorjas do canhão tremendo:
A morte se ergue d'um paíl de sangue,
Como o esqueleto d'um fantasma horrendo.
A Liberdade quer falar ás turbas,
Surge a victoria e despedeça o obuz.
Passa a Republica assombrando os ares,
— Nuvem de glórias n'um tufo de luz.

E ouve-se o estalo d'um ranger de dentes,
Acompanhado de infernais risadas;
Ancia esfainada das eternidades,
Que engolem mundos, mastigando ossadas;
Echo fremente dos pulmões do abysmo:
Blasphemia horrível de milhões de ateu;

Voz das esferas, gorgalhando a um tempo;
Todo o universo, maldizendo a Deus.

Era o governo — leviathan ferido,
A debaterse na cerval apneia,
Quando o infinito suspindia a terra,
Pra vér de peito o borbulhar da idéa.
Era a realeza, que tombava uivando,
Sob o tridente da sagrada lei,
Ante o direito, que punia o crime,
Ante a nação, que condenava o rei.

Era dos monstros o estridente silvo,
Nas trévas densas do nadir do pego,
Onde enrijavam-se as entranhas negras
Do satrapismo desvairado e ego.
Era a caverna, o cadasalto, o throno,
A farpa, o corvo, a prepotência, o mal,
O horror, a hydra, a tyramnia, o sceptro
Cedendo á força d'um poder fatal.

Ergueu-se um volto: n'amplidão da fronte
Entrelagavam-se os laureis do athleta,
Tendo erigida a cabelleira crespa,
— Hispida cauda de eterno cometa,
E das espáduas sacudindo o oceano,
— Manto de espumas que o tufo bordou,
Maior que o espaço, mais audaz que o raio,
Cresceu ainda... e — fúrcão fallou:

“ Rugi, canhões!... espadaneavos, sangue!...
“ Rolae, phalanges!... fermentae, batalhas!...
“ E' dessa massa que as nações se fazem
“ Nas labaredas dos vulcões — fornaldas.”
Era o Equador, que elevando os mares,
— Cyclope enorme a topetar com o céu,
Abria os braços para amparar o globo,
Bradava aos orbes: — “ o futuro é meu.”
Depois... no campo da renhida pugna,
Bravo, sanguento, desgrenhado, estoso,
Galgando o espaço n'um corel de fumo,
Passa a glospe o vencedor glorioso,
E' Peruaniaco, que se fez Mazepa,
E corre... e vôle, e' o porvir na mão!...
Brazil! montanhas! oceanos, ventos!
Segui-o!... é o genio da Revolução.

Sub umbra

Dise mais uma vez, uma só, dise
Essas palavras de celeste uneção;
Eu não as compreendi; mas me vibrando
N'uma corda esquecida ao coração.

Tu disseste...

— Eu te amo, e não entendas,
O que eu quero exprimir!... Estás zombando?
Ou em altos problemas, velho Fausto,
Quando fullo contigo, estás pensando?...

— Entendo, entendo agora. Oh! não te riás,
Da existência — o trabalho é condição,
E da alma os sentimentos se atrophião,
Como os órgãos do corpo na inacção.

Cem lúdios tem-me ditos essas palavras;
Mas foi o coração, que na disse em ti,
E assim, de mimha mão no abraço extremo,
Foi a voz derradeira, que as ouvi!...

C. Senna.

A noite de nupcias

ALBÉNE HOUSKAY.

E' meia noite! Alabastro lampada
Palpidos raios, solitários, tremulos
Derrama alén.
Doidas phaleas de brilhar noctívago
Sobre o franjado das cortinas mardas
Baixar-se vêm,

Ella, Emmelina, no macio tulipano,
A vés palavras, a conceitos frivulos
Nega attenção;
A candidez, que ill'apparece timida
Para n'ess'hora a soccorrer solícita,
Murmura em vio.

Ao arrim da festa, Alberto furta-se:
Junto da esposa, que contempla extatico,
Elo a velar;

Delirante d'umor, a virgem pudica
Cuida na queda, q'rimamente esperava,
E linge dormitar,
O fermo esposo, como amante sedrego,
Empenha colá pureza luta homeric,
Em vio fum;

Lança ainda una vez olhar idolatra
E, fira de combate, a esposa tuiu la
Prostrada jaz,
Quando a candura, na voraz lascivie,
Caiu sob o golpe que a tomou de subito
E subito a reduz,

Amor, o fermo amor, de goso élano

Adega a esmo... e d'argentina lampada

Apaga a luz.

Rio de Janeiro.

M. A. LIMA PARENTE.

Anhelos

Eu só quizer, morenha bela,
Deitada ver-te no vir-eu-leito,
Soltas as tranças, em desprazo as vestes
E palpitar-te eu curte o peito.

Ten rosto d'umha contemplar quizéra
Quando te viisse por Morpho vencida,
E embriagar-me no perfume santo
Que detes corpo s'exhalasse, oh! qu'rida.

Ouvir quizéra tens deitados sonhos,
Meio-inclinado sobre o collo teu,
Sonhos insontes, da malícia livres
Que só às virgens o Supremo deu.

E quando eu vim nos altivos montes
Eu visse bello Hypireu nascer,
Eu só quizer, nos teus castos labios
Depor um beijo, ao depois... morrer.

Rio, 1873.

ROSENHO BRAHA

Cor de esperança

Queiram uns ser a avara cruz mimoso
Que se afaga em teo seio palpitar,
Prefiram outros ser teo lespe amante,
Amei outros teo píre a pena airoso:

Mui doce é ser a volta graciosa
Que em teos religios bracos jaz constante:
Mais doce ser teo sonho delirante,
E una prece em teos labios cõr de rosa.

Tanto não quero eu, basta creangá,
Que eu seja em tuasmùos, como entre flôres,
Essas luvas que são-côr de esperança.—

Essas luvas que occultam dois primores,
Onde enganado o meo amor descanga,
Sem que eu possa, á teos pismorror de amores

GERENHO DOS SANTOS.